

Lixo radioativo de Goiânia: uma emergência que completa quatro anos

Texto de Teresa Furtado, Liana John, Rubens Santos, Cristina Muller e Laurenice Alves, da Agência Estado

Fotos de Protásio Nêne e Wilson Pedrosa/Agência Estado (cor e p/b)

As 13,4 toneladas do lixo radioativo de Goiânia armazenadas, provisoriamente, num depósito a céu aberto, construído para durar, no máximo, 180 dias, completam, neste mês de setembro, quatro anos à espera de uma solução definitiva. O depósito foi construído numa situação de emergência, para guardar os pertences de 249 pessoas contaminadas com o césio 137, no acidente ocorrido em 1987, mas até agora o lixo permanece no mesmo lugar. É difícil explicar por que o governo federal vem adiando a construção de instalações definitivas durante todos esses anos, como se estivesse tratando de um rejeito absolutamente inofensivo.

O acidente radioativo de Goiânia aconteceu no final de setembro de 1987, quando uma cápsula de césio 137 foi encontrada nas ruínas de um hospital recém-demolido e vendida a um depósito de ferro-velho. A cápsula foi aberta e os fragmentos do césio 137, que emitiam uma bela luz azul, foram distribuídos a amigos e parentes do dono do ferro-velho. A contaminação espalhou-se pela cidade durante 15 dias, até que surgissem as primeiras vítimas e só então se soubesse o que aconteceu.

Passados quatro anos do dia em que virou manchete das primeiras páginas de praticamente todos os jornais do mundo, Goiânia ainda continua despertando o interesse dos cientistas e imprensa do país e do exterior. Chamam a atenção, agora, a demora e o descaso do governo federal para solucionar definitivamente a questão do armazenamento das 13,4 toneladas de lixo radioativo resultante do acidente com o césio 137.

O depósito provisório fica em uma área de 21.600 metros quadrados, no distrito de Abadia de Goiás, a 20 quilômetros de Goiânia, e foi construído a céu aberto para uma vida útil de apenas seis meses. Até hoje, porém, continua guardando os pedaços de parede, móveis, painéis, brinquedos, animais e roupas das vítimas do acidente -- que foi classificado como o segundo maior do mundo, perdendo apenas para o de Chernobyl, na União Soviética.